

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



IBÉRIA

VOLUME 31, 2010

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PARA UMA ARQUEOLOGIA DA IBÉRIA: NA JANGADA DE SARAMAGO ATÉ AOS CADERNOS DE LANZAROTE

"A primeira operação investigadora a cometer seria confrontar as sucessivas fases da minha vida com os livros que as preparam ou delas foram consequência - e isso quem o fard?"

José Saramago* ⁽¹⁾

Se nem sempre José Saramago (1922-2010) navegou nas águas do iberismo que em correntes contraditórias, desde o século XIX, afluem nas letras portuguesas, qual maré intempestiva duma Natureza pré-morta assolando agora o litoral - a partir de *Jangada de Pedra* (1986) e do ulterior exílio criativo em Lanzarote (1993), a interpelação do destino ibérico inunda a sua escrita. Quando escrever uma prolepse, *Mi iberismo* (1990), preâmbulo à obra Cesar Antonio Molina⁽²⁾, dir-se-ia que a exclusiva edição espanhola se destinava a acautelar, entre nós, o ressurgir de velhas polémicas iberistas. Em visões conflituantes (união dinástica, União Ibérica, hispanismo, federalismo ibérico, Estados Unidos da Península Hispânica, República Ibérica⁽³⁾) - quer de fundo liberal, quer republicano federal e socialista, quer o projecto peninsular do jovem Oliveira Martins ou, depois, o ecuménico e místico hispanismo, "dualismo peninsular",

* Investigador de História da Cultura associado ao CEIS20. Bolseiro pós-dout. da FCT.

(1) *Cadernos de Lanzarote II*, p. 197.

(2) C. A. Molina, *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, p. 9 ss.

(3) Raphael Ribeiro, *O iberismo dos monárquicos*, pp. 9-41.

versão nacionalista e *politique d'abord* de Antonio Sardinha da *res publica Christiana*⁽⁴⁾ -, estas polémicas haviam instigado um meio intelectual tão hostil, na diacronia, à livre respiração do confronto quanto tentado, nos campos adversos, à recíproca excomunhão dos referentes Paraísos.

Bem o denunciaram, no limiar da decepção, Herculano, Antero, Proença. Bloqueado por conjunturais verdades, receiptuários fiados pela paralaxe indutiva da eternidade ou, em versão "científica", deduzidos da evolução universal, o pecado original da intolerância autóctone - este desprezo pela liberdade cívica e pela livre dimensão da *pólis* - tem sido arguido também na discussão do iberismo e na mitificação da Ibéria, como espaço de narrativas trágico-épicas cuja singularidade se leu na história dos irmãos desavindos na contínua partição do solo, do mar e da herança cultural da mátria peninsular, onticidade que O. Martins ou Unamuno, inscreviam como *origem das origens*. Saramago, recita sarcasticamente o conto: "não temos senão que admirar a coragem destes povos de tantos sangues cruzados, e também louvar neles um sentido fatalista da existência que, com a experiência dos séculos, veio a condensar-se na notabilíssima fórmula, Entre mortos e feridos alguém há-de escapar"⁽⁵⁾.

A *Jangada de Pedra* inculca a deriva isolacionista, mesmo se integrada num grande espaço, estratégia diversa (cindida pelo projecto europeu⁽⁶⁾) das visões iberistas da segunda metade do século XX, que abriam projectos federalistas e pacifistas anteriores, como a de Miguel Torga, no esboço dum "sonho platónico de harmonia peninsular das nações", "irmãs e independentes" num vasto "espaço de espiritualidade"⁽⁷⁾ atraído pela simultaneidade da grande órbita europeia e pela gravidade diversa e identitária de si mesmo, num municipalismo comunitarista⁽⁸⁾, matriz da qual não se afastou, afinal, mesmo com xailes exotéricos,

(4) Cf. Fernando Catroga, "Nacionalismo e Ecumenismo. A questão ibérica na segunda metade do século XIX", pp. 419-463; Sérgio Campos Matos, "Conceitos de Iberismo em Portugal", pp. 169-193; Paulo Archer, *Nação e nacionalismo. Mitemas do Integralismo Lusitano*, pp. 96-102 e 123-32.

(5) José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 231.

(6) "A União Europeia não passa de um império económico, e [...] eu não gosto de impérios" - *idem*, *Cadernos de Lanzarote V*, p. 143.

(7) Miguel Torga, *Diário XV*, p. 133.

(8) Eloísa Alvarez, "Iberismo, hispanismo e hispanofilia em Portugal en la última década", pp. 385-86.

Natália Correia (*Somos todos hispanos*, 1988). José Saramago acentua o forte conteúdo do *iberismo cultural*, consubstanciado na ideia de resistência face à(s) hegemonia(s) linguísticas e culturais dos séculos XIX e XX - que representara, por razões não convergentes e desde meados de Oitocentos, o assomo final de um exaurido D. Quixote, póstuma consciência da perda do domínio marítimo e imperial, contra a sanchiana avaliação da endógena e comum debilidade peninsular, dada a condição periférica, incapaz de sulcar o *mare liberum* do comércio e da indústria, do capitalismo norte-europeu que tisonava já a munda azul. Por isso, não raro, as antagónicas faces do iberismo exibiram expressões messiânicas e feições salvíficas, como resgate do presente.

Não é uma revisitação, nem o império ou o mando movem Saramago. Funda a busca do Justo no seu ancoradouro e na nova jornada, até aos sítios do ignorado, reinventa uma outra história trágico-marítima para o próximo presente, à revelia da onda morna da burocracia europeia (mesmo do iberismo político), indo numa vaga cívica e cultural que evidencie a "possibilidade de uma nova relação que sobreponha ao diálogo entre Estados, formal e estrategicamente condicionado, um encontro contínuo entre todas as nacionalidades da Península"⁽⁹⁾. Relegando as questões formalmente políticas, administrativas ou económicas, o debate recentra-se, pois, *sobre* os nacionalismos, o legado que o Romantismo lançara no século XIX, ao corrigir a excessiva abstracção das Luzes, mediado depois pelo positivismo e cientismo. Saramago precisa melhor o conteúdo do nacionalismo, pois pensa que "o inimigo não é a Nação, mas o Estado"⁽¹⁰⁾¹¹, a "intrínseca violência do Estado"⁽¹¹⁾. Uma furtiva agenda política, movimento de cidadania que despreze o culto estatocrático, pontua o iberismo cultural: "Se nós portugueses, *decidíssemos* gostar de Espanha, se eles espanhóis, *decidíssem* gostar de Portugal, o sentimento de mútua gratidão que consequentemente se criaria reduziria a nada os receios de ontem e as desconfianças de hoje"⁽¹²⁾. A cooperação, a convivência cidadã,

⁽⁹⁾ José Saramago, "Mi iberismo", in C. A. Molina, *ob. cit.*

^m*Idem*, *Cadernos de Lanzarote III*, p. 49.

⁽¹¹⁾ *Idem, ibidem*, III, p. 114.

⁽¹²⁾ *Idem, ibidem*, III, p. 131.

superariam rivalidades dos Estados peninsulares e políticas divisionistas da memória, que retalham o que deviam solidarizar e desunem o que deviam unir.

A construção da jangada

Os primeiros materiais arqueológicos provêm da escavação romanesca. Predita no último enunciado de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, "aqui onde o mar se acabou e a terra espera", talvez se possa sintetizar a rota ficcional que a *Jangada de Pedra* seguiu, tomando-a como ponto de partida para o iberismo de Saramago, na ideia de que o ser humano se distrai do mundo e da existência dando-se à ilusão cognitiva de ocupar um qualquer lugar particular no universo. Essa "peculiaridade" fá-lo *dissolver* no espaço-tempo do Cosmo: se a Terra é *ponto* sem dimensão (na euclidiana apreensão geométrica), a História reduz-se aos dois últimos segundos incompletos das vinte e quatro horas do tempo universal. A esta escala, e dessa pequenez, simultânea grandeza antropológica, avaliza a *Jangada* uma sintaxe (e visão) terrífica. Irredutivelmente ligada ao terrunho, só nova geografia política, gerada num *acaso* (uma Península que se afasta e irrompe no mar) permite alterar a visão do mundo. Mas fincados no Atlântico, mar vago para utopias desde Platão a Morus e Bacon, os arcanos destrutores e criadores de culturas, caçadores e presas de si próprios, criam novo cenário para a Terra cujos palcos são demasiado exíguos para a representação da vasta arena cósmica.

A construção corresponde assim a uma espécie de cosmogonia *agônica* do Ser. Este arranca finalmente rumo ao seu destino (fruto do acaso, repita-se, previamente não traçado ou "planificado"). Mas a medida que a Península, como conteúdo, se separa do continente e avança pelo Atlântico em errático rumo, a trama da *Jangada* intensifica-se na viagem pelos seus antigos limites *interiores* e acelera-se o tempo na peregrinação pela diversidade de sítios, países e paisagens peninsulares, naturais e humanas, da Ereira aos Pirinéus. As pedras: granitos da meseta; calcários litorâneos, sistemas dunares; os rios: estreitos entre montanhas; ou alargados em quase-delta, também pela humana mão, afagando chãs. Tudo se abre em cronologia incerta, pois as "viagens sucedem-se e acumulam-se como as gerações, entre o neto que foste e o avô que

serás"⁽¹³⁾. A ilha - paradoxo, ao ter de reconhecer um lugar físico para o não-lugar, referência obrigatória à *Utopia* de Th. Morus - protagoniza (melhor, os que nela habitam protagonizam) a (re)descoberta dos seus pequenos e esconsos trilhos pelo mundo-separado do resto-do-mundo.

Apropria escrituração cava nova estratigrafia na campanha. Por isso, aquando do lançamento do livro, em declarações à imprensa, o autor visa certificar a *disjunção* simbólica mesmo na historicidade⁽¹⁴⁾: enquanto a Europa configura uma qualquer espécie de Mal (capitalista, "canao esburacada"⁽¹⁵⁾), o Atlântico, no sulco das naus a haver, é o *topos* mítico do Bem (socialista, fraterno), onde a península se fixa "para benefício da paz do mundo"⁽¹⁶⁾. Versão abreviada e local da dialéctica marxista entre *imperialismo e libertação*, menos radical do que a dos manuais de guerrilha urbana, comanda agora a manobra. Enfim, Saramago chefia com uma vara de negrilho as Lutas da Libertação Ibérica contra o desconcerto da existência euro-americana. Mas não é já um chefe de redacção; é um Autor, quem escreve⁽¹⁷⁾.

A redescoberta da (inexistente) fronteira, cartografa e historiciza uma narrativa do sítio, abrindo-o à *possibilidade*, "pois a virtude dos mapas é essa, exibem a redutível disponibilidade do espaço, previnem que tudo pode acontecer nele"⁽¹⁸⁾. E se as fronteiras internas se esbatem num *conteúdo* de contiguidade, as exteriores - agora insulares - são cada vez mais perceptíveis, desgarradas num *continente* de distância, que a distância gera gerando novos horizontes. Ou erróneas percepções de novas fronteiras, pois na sua máxima expansão as fronteiras se extinguem: circunscrevem um mundo à parte; mas colocam-no no coração do mundo, anulando-o. Como "doença infantil do nosso nacionalismo" (Eduardo Lourenço)⁽¹⁹⁾ o iberismo político (ou mesmo o "transiberismo") expõe a debilidade da concepção matricial. É querer,

^m*Idem*, *A Jangada de Pedra*, p. 257.

⁽¹⁴⁾ Cf. Inês Pedrosa, "José Saramago: 'A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa'", p. 24 ss.

⁽¹⁵⁾J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote II*, p. 94.

⁽¹⁶⁾*Idem*, *A Jangada de Pedra*, p. 218.

⁽¹⁷⁾ "Um texto anónimo que se lê numa parede de rua terá um redactor, mas não um autor" escreve Foucault, comentando o "desaparecimento do autor" *O que é um autor?*, p. 46.

⁽¹⁸⁾ J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote II*, p. 18.

⁽¹⁹⁾E. Lourenço, in C. A. Molina, p. 104.

por certo, reproduzir noutra escala a autarcia, multiplicar (melhor, *mover*) noutra geografia a lógica nacionalista.

Daqui o iberismo, como fatalidade geográfica, configurar um espaço federador (separa porque se destina a unir) construído por dentro e delimitado pelas águas, como *ilha* que passou a ser. A partir da prédica martiniana, são relidos os conceitos de mesologia, acaso e destino: e, ao contrário de Rafael Hytlodeo, o navegador português que levado pela paixão do achamento topou com a ínsula sem lugar, a navegação de Saramago pressupõe que o *topos* é já achado mas não Cronos: será por dentro erguido, operando a deslocação ucrónica: o *quando* comuta o *onde*. Uma personagem apreende o súbito carácter ficcional da fronteira espacial para-fora (delimitativa), no instante em que fisicamente esta mais se torna *real*, como temporalidade, para-dentro (limitativa). Contabilizando a viagem a fazer, José Anaiço apercebe-se do inútil *distingo* aristotélico: "daí até à fronteira, desculpem, neste mapa ainda tenho uma fronteira"⁽²⁰⁾. Da utopia emana o eco claustrofóbico: o outro mundo, do qual se saiu, dissonante na sua real imperfeição, intima-a no debuxo harmónico. A fronteira não desapareceu, cresceu, tornou-se impositiva e mesmo sem arame-farpado delimita todo o orbe distópico no mapa imaginário das expectativas: a premissa é que o outro mundo é (o) pior, condição de validade e eficácia para que a utopia se legitime⁽²¹⁾. A querela *sobre a coisa em si*, fortunas, famílias (financeiras, políticas e associadas) que gerem o mundo gerando a fome, debate-a em jornais, em páginas ácidas do diário⁽²²⁾, muitas delas recolhidas em *Folhas Políticas 1976-1998*.

Saramago tentou refazer na ficção - reintroduzindo fragmentos duma meta-ficção (o real, do qual se cria), consubstanciado num "realismo mágico" -, esboços diacrónicos da metanóica convicção de um sítio fraterno para se viver, feito não de grandes projectos inexecutáveis, mas de quotidianos e exíguos gestos. Autopia não é vista prospectivamente, como no marxismo clássico, na oferta/imposição política e formativa PÓLIS -> HOMEM NOVO, mas estoica e árdua empresa HOMEM NOVO -> PÓLIS, pois "um homem possui uma capacidade revolucionária [...]

(20) J. Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 257.

(21) Cf. P. Archer, *Sentido(s) da Utopia*, pp. 55-61.

(22) V. g., J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote IV*, p. 240.

para transformar-se a si mesmo"⁽²³⁾. O Ser não se afirma um *factum*, mas um *feri*, o que se faz. E se a singularidade do indivíduo não se dilui, embora com justeza se pudesse falar numa *menorização do sujeito*, não se trata de uma "récita colectiva". Tal atitude é figurada, em particular, no momento em que dado o "entusiasmo revolucionário dos jovens", vigiado e reprimido pela Europa, ironicamente o narrador adverte que "os sensatos pais estão agora dizendo, Vês, meu filho, o perigo em que te ias meter se continuasses naquela teima de seres ibérico, e o rapaz, enfim edificado, responde, Sim, papá"⁽²⁴⁾ ²⁵. Dum plano ao outro, no mesmo enunciado temporal.

Só uma Terra guiada pela não-escrita Declaração universal dos Deveres Humanos, escaparia ao comum destino europeu e à cegueza dos universais direitos, sem conteúdos efectivos em grandes zonas planetárias. Nela procurou Saramago, ampliando o plano de Oitocentos dos "grandes espaços" que não se esgotara, a despeito das guerras coloniais e das descolonizações - o paniberismo, *i. e.*, o *transiterismo*⁽²⁵⁾ - alimentar a fantasia que pessoalmente viveu, como nenhum outro autor português contemporâneo, com a grande excepção das vividas visões *ibéricas*, *vieirinas*, *místicas*, de Agostinho da Silva. Mas este, aderindo de perto a Pessoa na *Mensagem*, amassou a história numa narrativa mítica para a vida⁽²⁶⁾, ou seja, historiosofou uma arte de viver, enquanto Saramago, seguindo Ricardo Reis, se não reconhece em toda a linha que o sábio é aquele que se contenta com o espectáculo do Mundo, bem sabe que a superação imaginária nasce no interior das palavras. Outra forma de dizer que é ela mesma imaginosa embora aspire à concreção na vida e nela se enraíze e confunda.

⁽²³⁾ *Idem*, "Hay que construir una iberidad cultural común", *Diario de Córdoba*, 27-XI-1994, in <http://caderno.josesaramago.org/2010/09/03/a-coisificacao-do-homem/>, imp. a 17-IX-2010.

²⁴ *Idem*, *A Jangada de Pedra*, p. 230.

⁽²⁵⁾ *idem*, "Mi iberismo", in C. A. Molina, *ob. cit.*; também no sitio hispanista, a 31-VIII-2010, <http://hispanismo.org/politica-y-sociedad/2179-jose-saramago-mi-iberismo.html>.

⁽²⁶⁾ Cf. P. Archer, "*Historiosofia & Mitologia. A Ibéria na Obra de Agostinho da Silva*", pp. 7-31.

Rumo ao Sul

Atando fios da *Jangada* com os vestígios arquivados nos *Cadernos*, entende-se como o projecto de *arqueologia prospectiva* (e não de prospecção arqueológica) abrangia uma vasta e transnacional Ibéria, comunidade de cultura, no Sul, "esse lugar das minhas utopias transibéricas", sobre cuja historicidade, em termos de proba avaliação, o intelectual se interroga, "mas será o Sul de tal maneira utópico que nem no Sul se encontra?"⁽²⁷⁾. Decerto é difícil achar o meridiano: o Sul estava derreado por guerras contra padraços e pais enfeitados (e contra heranças e vexações que haviam escravizado ao longo de séculos a liberdade própria). E por outras muitas guerras que são, vistas da Europa, fratricidas, mas que no terreno topografam rios, ritos, etnias, culturas, minas, divindades. Que são vistas da Europa e da América, os autênticos semi-deuses criadores (desse) mundo, inclusive, por traficantes e executantes locais, como óptimos pontos de vazão para a mais rentável indústria do orbe: a morte. Nesse sentido, escrevia o *blogger* Saramago, em 2009, n.º "0 Caderno" (recebido entusiasticamente por Umberto Eco) - "em África, disse alguém, os mortos são negros e as armas brancas. Seria difícil encontrar uma síntese mais perfeita da sucessão de desastres que foi e continua a ser [...] a existência do continente africano"⁽²⁸⁾.

Nessas mitologias sangrentas e primitivas, é exacto que também os últimos "heróis" setentrionais haviam regressado das colónias de igual modo exauridos⁽²⁹⁾. Quer dizer, em opostas mitologias, e nas suas antagónicas récitas, os respectivos "heróis" tinham-se confrontado entre si com a morte que aos outros infligiam ou neles era infligida: e não há percepção mais *real* do que a da morte. Poucos ao longo do século XX perceberam - como?, se esse entendimento não gera poder e dinheiro - que "*Libertação*", "*Nação*", são conceitos, corrompidos por lógicas setentrionais iluminadas e idealizadas, dificilmente articuláveis, sequer em teoria, com a miríade das realidades e a árdua complexidade do quotidiano africano brutalmente espartilhado pelo menos desde a Conferência de Berlim (1885), como antes o fora, nas rotas dos escravos,

⁽²⁷⁾J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote 7*, p. 51.

^m*Idem*, in <http://caderno.josesaramago.org/2009/08/11/africa/>, imp. a 16-IX-2010.

⁽²⁹⁾ Sobre Peter Sloterdijk, *Eurotaoísmo*, p. 150.

no ouro e nas especiarias, pela contumaz voragem europeia ou mesmo pela anterior expansão árabe e magrebina.

O conteúdo épico dos textos de Saramago é outro. A sintaxe do Novo Dia é articulada por anónimos heróis (a propensão crescente para abolir *nomes da instância narrativa* acentua a escrituração do autor, se concluirá), cuja heroicidade consistiria em viver um Dia de Paz. Ou seja, como em quase todas as grandes arquitecturas míticas, a narrativa cala-se num dia de bonança para se reconstruir. Baal é a sua perversa negação. Claro que a essoutra *stultifera navis*, que Foucault eternizou, se destinava - como a Barca de Noé, último asilo da vida, último abrigo da morte - a acoitar os *puros* ou *sobreviventes* de uma catastrófica mundialização da cultura, espécie de dilúvio informático pensado e escrito em inglês, cujos efeitos benéficos, por sarcasmo circunstancial (a *circunstância* gassetiana que Saramago invoca no proémio dos *Cadernos*), o escritor irá colher quando, em 1998, lhe for atribuído o tão ambicionado (e previsível nos diários) prémio Nobel da Literatura.

O paniberismo cultural (espécie de região globalizada a várias vozes) não prescinde do cuidado da língua, mesmo da *ortographia*. Por isso insistirá na ligação estratégica aos PALOP e ao Brasil, pois admite que "uma língua partilhada, a nossa ou outra qualquer, com Pessoa ou sem Pessoa para proclamá-la, possa vir a ser, de facto, uma certa forma de pátria"⁽³⁰⁾. O reequilíbrio estrutural entre culturas, o respeito pelas não hegemónicas, minoritárias, urge⁽³¹⁾, pois "as culturas que se sabem ameaçadas resistem"⁽³²⁾. Quanto à Comunidade de Língua Portuguesa, Pilar aclara que Saramago "apoiou desde a primeira hora, embora o seu habitual cepticismo o impeça de conceber demasiadas ilusões"⁽³³⁾. Apercebe-se - de facto, é um lugar comum, desde Oliveira Martins, entre nós⁽³⁴⁾, ou desde a geração *européista* espanhola de 1898 -

⁽³⁰⁾ J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote IV*, p. 32.

⁽³¹⁾ "O que desejaria, sim, é que se reconhecesse que, em definitivo, não existem culturas grandes ou pequenas, que todas elas respondem ou intentam responder à dimensão sensível e inteligente do ser humano, e por aí necessariamente se igualam. Não é uma questão de dinheiro ou de poder, mas de saber e de sentir" - *ibidem*, V, p. 113.

⁽³²⁾ Cf. Juan Arias, *José Saramago: El amor posible*.

⁽³³⁾ In J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote IV*, p. 65.

⁽³⁴⁾ J. P. Oliveira Martins, *Historia da Civilização Ibérica*, pp. XXXII-XXXIII.

que a Ibéria é outra coisa *além, entre* Europa e África e que só faz sentido numa geografia cultural - como corolário político - que o acentue. É essa *iberidad cultural*, atando o uno e o diverso, que gera sentido mesmo contra velhas questões mortas⁽³⁵⁾ ou "autonomismos populistas"⁽³⁶⁾ e a absurda violência etarra, o "regueiro de sangue" "nazi" a que conduz, com o qual justamente se indigna⁽³⁷⁾.

Ora, a homogeneização cultural, a globalização, afirma singularidades como *contraponto paradoxal das operações de estabelecimento* das relações das quais, por novo paradoxo, se nutre⁽³⁸⁾ 39 40. Quer dizer, a singularidade leva a reconhecer o massificado, denuncia o já sabido, a repetição, efeito que, no caso de Saramago, se justapôs à realização literária. Ele mesmo o refere. Reflectindo sobre a "Semana do Autor", organizada em Madrid (Maio de 1993) e sobre a intensa *alegria* que o debate lhe suscitara, contracenando com Eduardo Lourenço ou Luciana Stegagno Piccio, adita: "que ela me tenha sido oferecida por Espanha, só vem confirmar o *meu direito à ibericidade*"^m. Anote-se a ênfase posta em "o meu direito". Tinha-o conquistado, claro, quanto mais não fosse na oratória e na pública autenticação.

Com acerto, o iberismo de Saramago foi interpretado como refúgio para o não-lugar do seu projecto comunista, do qual, apesar da drástica e crescente falha de suportes históricos e de referências éticas (e teóricas) na segunda metade do século XX, não se desvinculou. Essa militância projectiva foi matizada, na *Jangada de Pedra*, como se defendeu, "com uma tendência utópica aliciadora", que acaba, sob o ponto de vista literário, por pactuar com o leitor uma "subtileza em que cria uma *plausibilidade do implausível*"^m. Apesar do visado contestar que o texto tenha sido "directa ou indirectamente" inspirado pela construção europeia e, em concreto, pela adesão de Portugal e Espanha⁽⁴¹⁾ à então CEE, difícil-

⁽³⁵⁾O caso de Olivenza, "deixem em paz o irrecuperável passado, *a Olivença que foi*" - J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote II*, pp. 144-45.

⁽³⁶⁾*Idem, ibidem, IV*, p. 269.

⁽³⁷⁾Cf. *idem, ibidem, V*, pp. 128,129-131 e 224.

⁽³⁸⁾ Marc Augé, *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, p. 37.

⁽³⁹⁾ J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote I*, p. 51.

⁽⁴⁰⁾ Cf. Marisa Corrêa Silva, "José Saramago: o iberismo como utopia", pp. 67-70.

⁽⁴¹⁾ J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote I*, p. 38.

mente se compatibiliza essa declaração com a intencionalidade narrativa que a *Jangada* convida a reflectir. E continuará em público, como em Edimburgo, finais de 1993, a discutir e anunciar o exacto lugar da Iberia: "entre Europa e América Latina"⁽⁴²⁾.

Ora, esse seria (mas não foi, por um outro acaso geofísico, acabaria por parar no Norte, onde outrora "existira" a Atlântida, em diversa longitude do cálculo de O. Martins⁽⁴³⁾) o lugar que a jangada se destinava a ocupar no planeta. Como o comunismo, o "socialismo científico", a "democracia popular", não foram, ao contrário do anunciado (e não por acasos geofísicos ou por desvios humanos), o dia da Salvação e o Sol perpétuo da justiça. Muitos saberão o que isso quis e não quis dizer no século XX. Mesmo se essas memórias ficarem nos filtros, numa espécie de quarentena como interdito intelectual da esquerda, conjecturar-se-á que é por um prejuízo moral que são omitidas. São demasiado incómodas para serem lembradas.

Esta questão evidencia a exegese interna do discurso, por entre o imediatismo conjuntural. Ora desapontado ("onde estão os homens novos prometidos pela Revolução de Outubro"⁽⁴⁴⁾), ora irritado (com a condenação de intelectuais cubanos pelo regime de Fidel), não deixa de expedir subtis mensagens de abertura e tolerância para o interior do Partido Comunista. Abonando que Saramago prezava o *comportamento* político do seu partido, mesmo após 1976 e a estabilização democrática, e via nele a grande referência da Esquerda, fonte da genealogia *aristocrata* da resistência "anti-fascista", que é anti-salazarista, ao prosseguir na II República uma prática da cidadania (dignificando a Assembleia da República, no respeito estrito pelos órgãos e magistraturas republicanos ou, como nenhum outro, na administração local) que, em análise fria, é distinta, pela relevância conferida ao *bem comum*, do usual novo-riquismo de todos aqueles que se estabeleceram na República por conta própria, e a têm como coisa própria.

Porém, a colossal contradição comunista aprofundara-se ao não abdicar do centralismo, ao refutar as sociedades abertas e plurais e nessa linha ou, pelo menos, sem publicamente o expressar, o escritor enfileirara com a direcção partidária na recusa de profunda autocrítica - bem vistas

^m*Idem, ibidem, I, p. 167.*

⁽⁴³⁾Cf. J. P. Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, pp. VII-VIII.

⁽⁴⁴⁾ I. Saramago, *Cadernos de Lanzarote I*, p. 135.

as coisas, primeiro a *desestalinização* que desde a década de 1960 não se fizera, depois as sucessivas rupturas no modelo soviético (1956, 1968, 1973,1980) - ao arrepio dos sectores minoritários e de personalidades que se desvinculariam da militância e mesmo do projecto comunista, algumas das quais (da sua anterior proximidade) serão fortemente criticadas (J. L. Judas e Z. Seabra, por exemplo). No meio do fogo cruzado, as declarações posteriores a 1989 e à "queda do comunismo (ou daquilo que esse nome teve)",⁽⁴⁵⁾ não deixam de explicitar a profunda desilusão dos "combates históricos" a que os comunistas se votaram: "o socialismo não se pode construir contra os cidadãos nem sem os cidadãos", "por isto não ter sido entendido é que a esquerda é hoje um campo de ruínas", escreve em 1997⁽⁴⁶⁾. E nem sempre as relações foram pacíficas entre o militante (após 1974) e a organização. Álvaro Cunhal, no *Verão Quente* de 1975, vê no editorialista do *Diário de Notícias*, menos o militante disciplinado e mais um esquerdista que arruina pontes estratégicas com os sectores político-militares moderados, mormente como o "Grupo dos Nove", debilitando o posicionamento tático do PCP, subalternizado no efémero frentismo revolucionário do "Poder Popular"⁽⁴⁷⁾. Todavia a disciplina, pelo menos dos afectos, vem ao cimo: a admiração pelo velho secretário-geral, continua incólume⁽⁴⁸⁾.

Sinais de abertura, sim; mas sem uma articulada autocrítica aos regimes comunistas de partido único, ou à burocracia militarista dos sistemas soviéticos. A ironia, arma de um só impulso mas de dupla batente, não chega para desmentir ou reduzir o anseio "por um movimento popular de massas, dotado de uma visão prospectiva mais ambiciosa", que proclame "o maior sonho da humanidade desde o princípio dos tempos, isto é o gozo feliz de uma vida eterna cá na terra", "bem comum para todos, como o sol que nasce todos os dias e o ar que respiramos"⁽⁴⁹⁾. E, sardónico, o comentário de 4 de Dezembro de 1997, não deixa margens para outras leituras: "Gorbachov anuncia pizzas na televisão russa..".⁽⁵⁰⁾ Dir-se-ia que não vivendo intelectualmente o comunismo como uma

⁽⁴⁵⁾*Idem, ibidem, V, p. 214.*

⁽⁴⁶⁾*Idem, ibidem, V, p. 143.*

⁽⁴⁷⁾Cf. C. Brito, *Álvaro Cunhal*, pp. 166-72.

⁽⁴⁸⁾Cf. J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote V*, pp. 214-16.

^m*Idem, As Intermitências da Morte*, p. 17.

^m*Idem, Cadernos de Lanzarote, V, p. 216.*

verdade mística, ao contrário de muitos comunistas - como reflexo da "cultura da clandestinidade" e de anónimas biografias reprimidas pelo salazarismo, ao ponto do sacrifício das próprias vidas -, Saramago experienciou porém uma qualquer vivência interior da qual sobeja hoje o religioso voto de silêncio. E talvez a memória da imagem estoica da clausura, trasladada simbolicamente para o deserto-ilha, permita atingir, em parte, a sua ida.

Os remos homiziados, a ida para a Ilha, a memória

Não são, todavia, apenas relatos de clausura (cães, raras plantas, cactos, que agora são apenas catos, vulcões) a diarística que muitos, apesar do primeiro aviso⁽⁵¹⁾, iriam considerar narcísica. A ida para a ilha é o signo da *utopia* alcançável. À distância, melhor precisa os contornos da Ibéria: comunidade de diferenças, com derivas linguísticas (exceptuando de facto a divergência basca, o *euskera*), que no Atlântico acham a historicidade comum. O escritor não fora degredado por decreto para Lanzarote; mas na resolução de um governo de Direita de banir O *Evangelho segundo Jesus Cristo*, em 1991, à candidatura do Prémio Literário Europeu, lera (pela decisão atrabiliária do secretário de Estado, "Lara o cruzado"⁽⁵²⁾, o "aprendiz de Savonarola"⁽⁵³⁾, do primeiro-ministro, ou de outros censores menores, referidos amargamente⁽⁵⁴⁾) as razões degredantes e degradantes para a expatiação áurea e intermitente - onde poderia viver finalmente os sentidos, habitando a personagem factível duma ficção, a sua. O episódio não explica tudo, ou explica pouco: emocionalmente refeito com o país, e apaziguado com o novo governo socialista, em 1995, num clima geral de reconhecimento ao qual

(51) "[.••] que os leitores se tranquilizem: este Narciso que hoje se contempla na água desfará amanhã com a sua própria mão a imagem que o contempla" - *idem, ibidem, I*, p. 10.

(52) Cf. Fernando Assis Pacheco, "A Ilha de Saramago", p. 81.

(53) J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote 1*, p. 143.

(54) "Ornejam os Laras, os Lopes e os Cavacos do governo de Portugal, escoicinham os assemblários social-democratas de Mafra", escreve nos *Cadernos de Lanzarote I*, p. 43.

a atribuição nesse mesmo ano do prémio Camões não é estranha⁽⁵⁵⁾ * * - continuar a residir em Lanzarote (quando não vai em repetidas viagens, ou vem a Portugal). O vento de África, o metódico isolamento, fazem dele um gentio da escrita, um apátrida do verbo, em intensa peregrinação mediática pelo mundo. A sua agenda, com leitores, tradutores, livreiros, editores, universitários dos quatro cantos, é impressionante.

Dessa vivência insulada, não sem ponta de orgulho pessoal pela conquista e ganho - do, agora, "proprietário" -, são fiéis depositários os *Cadernos*. Da casa de Lanzarote e do quintal, *un árbol en medio del mar*⁽⁵⁶⁾ \ recita Rafael Alberti, nesses "dois mil e poucos metros quadrados empoleirados no alto da encosta que desce de Tías até Puerto de Carmen."⁽⁵⁷⁾, afirma a Fernando Assis Pacheco, jornalista e escritor (que, sob protesto aqui lavrado, é escondido no injusto baú do olvido): "Esta casa foi feita com livros. Não há aqui um tijolo nem um ladrilho que não fossem pagos com livros"⁽⁵⁸⁾. José Saramago enriquecera, em género e espécie, com o invulgar êxito de *Memorial do Convento* e de tudo o que se seguiu e a sua escritura já se libertara das rédeas radicais que, cerceando outros, a si mesmo assestara, cerceando-se. O neo-realismo de combate passara. Contudo, quem se intimida com Fama e Fortuna é ainda o autodidacta que resta do "rapazito que andou descalço pelos campos da Azinhaga, o adolescente de fato-macaco que desmontou e tornou a montar motores de automóveis, o homem que durante anos calculou pensões de reforma e subsídios de doença, e que mais adiante ajudou a fazer livros, e depois se pôs a escrever alguns". Note-se que esta evocação surge no ápice em que "esse homem, esse adolescente e esse rapazito acabam de ser nomeados [1995] Doutor *honoris causa* pela Universidade de Manchester"⁽⁵⁹⁾.

Quer dizer, o radicalismo de 1975 secara ou deslocou-se o rio desocultando as pedras agora secas do seu leito (*u-topos*): deixara de fazer

(55) "Presença de espírito só creio tê-la tido para dizer a Manuel Maria Carrilho que os parabéns de um ministro da Cultura a este escritor que sou, depois de ter tido que suportar um Santana Lopes e um Sousa Lara, me soavam a 25 de Abril..." - *idem, ibidem, III*, p. 195.

(56) *Idem, ibidem, V*, 187.

(57) *Idem, ibidem, III*, 157.

(58) Fernando Assis Pacheco, "A Ilha de Saramago", p. 82.

(59) J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote III*, p. 46.

uma hermenêutica da Ficção (ou da repetida paralaxe) como realidade e passara a olhar (ou a escrever) a Realidade como (original) ficção. Resta saber se, como narra na *Jangada*, a Ibéria fazia parte dessa ficção; ou se, como relata nos *Cadernos*, era a ficção que fazia parte, *totalizava*, a Ibéria. O que se terá por mais acertado, se avocarmos a comunidade escrita e escriturária que Pessoa quisera profetizar. E de cujo oráculo, com ingénua tirada (numa amálgama de Michelet e Victor Hugo, Oliveira Martins e Rosa Luxemburgo), se pensa o "narrador instável" que possa representar, na sua singularidade artística, "o instrumento ou o sopro de uma voz colectiva", como se possível fosse *contar a vida de todos e de cada um*^m. Dada a impossibilidade manifesta, contentou-se em contar a sua própria vida, a deriva da sua jangada, de muitos e variados modos pelos universos da escrita - "cada poeta entende a liberdade de maneira diferente, suponho eu"⁽⁶¹⁾.

Distante, a pátria próxima

No país dos doutores, sucedâneo de sucedâneos bacharéis queirosianos, haveria de deixar muita moça esse "rapazito que andou descalço pelos campos da Azinhaga" e o seu autodidactismo paradigmático. É provável que a manifestação mais imediata da pátria no modo escriturário, tirando a fenomenologia dos afectos e da memória (sons, sabores, odores, cores), seja através da recepção dos oficiais do mesmo ofício e do respectivo uso oficioso da crítica. Campo difícil por serem as rivalidades artísticas e literárias, extremado o símiles, só cotejáveis com concursos de professores seniores, excepto na superlativa publicidade.

A todos aqueles que o apodavam *Saragago*, investidos pela acrimonia lusa, usual terapia para tapar luzentes debilidades próprias com peneiras, respondia o visado "para que os leitores inocentes saibam de que repugnante massa está feita uma parte da classe literária portuguesa": "Não pensaram estes ulcerados de inveja que, talvez, quem sabe, se eu

⁽⁶⁰⁾Cf. *idem, ibidem, III, 179-189*, num texto sobre história e ficção, com notória dose de ingenuidade quanto aos efectivos procedimentos dos historiadores.

⁽⁶¹⁾*Idem, ibidem, III, p.73.*

tivesse a fala escorreita, não fosse o escritor que decidi ser"⁽⁶²⁾. Com Lobo Antunes é sabida a longa picardia; e com Antonio Tabuchi (a propósito de Pessoa, tinha de ser) "como se já não fosse suficiente carrego ter de levar às costas as invejas dos portugueses, sai-me agora a caminho este italiano que eu tinha por amigo"⁽⁶³⁾. E com outros, muitos, que seria estipêndio decifrar ou cifrar. Também se admira quando George Steiner publicar (no *New Yorker*), aquele extraordinário artigo (sobre Pessoa e *O Ano da morte de Ricardo Reis, um dos maiores romances europeus recentes*) que mais o catapulta para o grande círculo literário e o grande circo editorial. Não entenderá, depois, como o jornalista anónimo do *Diário de Notícias* redige depreciativamente o comentário, afirmando que Steiner "repescou" o "inevitável Saramago": "Na verdade, este jornalista teria tido razão há uns quinze anos", escreve em 1996, "foi por essas alturas que eu decidi 'repescar-me' a mim mesmo"⁽⁶⁴⁾ ⁶⁵. Fora há mais de vinte anos, e acaso o jornalista estivesse no *Diário de Notícias*⁶⁵ \ ter-se-ia lembrado, ao redigir a nota?

Se a referência da pátria não é meramente conjuntural, corresponderá por vezes a picos de um calendário político ao qual o relacionamento (político, literário e pessoal) de Saramago se prende. A par do intenso tráfico literário e mediático, assiste e intervém em Portugal em campanhas cívicas, políticas e partidárias, segue os desfechos dos escrutínios, intervém nos jornais, relaciona-se com líderes da Esquerda. Mário Soares indo ao seu encontro, não se esquece da ofensiva governativa (quando fora "Presidente de todos os portugueses") contra o português que vive nas Canárias. Atenuadas mágoas, os *males* da pátria são diagnosticados num receituário nada original, sem por isso perderem o prazo de validade: Saramago denuncia a "sempiterna mesquinhez pátria", "parece ser a nossa sina: deixar tudo a meio, ou nem isso"⁽⁶⁶⁾ ou "ninguém é profeta na sua terra"⁽⁶⁷⁾. Antes da "reconciliação" de 1995, os termos são muito duros: "é difícil que possa haver uma cultura viva

⁽⁶²⁾ *Idem, ibidem, III*, pp. 152-53.

⁽⁶³⁾ *Idem, ibidem, 7*, p. 23.

⁽⁶⁴⁾ *Idem, ibidem, IV*, pp. 72-73.

⁽⁶⁵⁾ Indispõe-se com M. Sousa Tavares quando este lhe evoca os anos do *DN - idem, ibidem, II*, p. 133.

⁽⁶⁶⁾ *Idem, ibidem, II*, p. 104.

⁽⁶⁷⁾ *Idem, ibidem, II*, p. 74.

num país morto, como é o caso de Portugal", "para que serve um país que depende para viver, de tudo e de todos". A polémica estalara à rodadum texto seu (demolidor) sobre a Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994) e prevenindo estragos, adianta, "a estas horas, já os *patriotarrecas* do costume devem andar a rosar por lá contra o indigno e o ingrato"⁽⁶⁸⁾. A entificação do país, o "Adormecido Inquieto", calca o campo da ambiguidade, pois "como explicar essa 'dormência', que é também 'inquietude', sem cair em destrutivos negativismos?"⁽⁶⁹⁾.

Antes de Janeiro de 1996, ano de desastrosas cheias em Portugal, vive um tanto arredado, "sem notícias regulares da pátria". Logo instalada a antena parabólica, ao ver o *seu* Ribatejo inundado, sente-se "tránsfuga": "percebi então que estar longe é não poder participar, não ser molhado pelas mesmas chuvas, não sentir as mesmas aflições"⁽⁷⁰⁾ *. Laços fortes, quentes, não esfriam na afeição da pátria: "Toda a gente sabe que Lanzarote não é a minha terra, e eu nunca consentirei que se esqueça que o meu lugar de origem, o autêntico, o natural, o de raiz, flor e fruto, é a Azinhaga, com tudo o que, de norte a sul e de este a oeste, chamado Portugal, a rodeia. Mas é em Lanzarote que vivo agora [...] não sendo *a minha terra, é terra minha*"⁽⁷¹⁾. A pontual visita de amigos (Sérgio Ribeiro e Maria José, Manuel Freire e Iva) traz a remota evocação, no Natal de 1993, de "um Portugal de que já estava quase esquecido: essa terra que nunca foi tão nossa como quando a vivemos como o presente sofredor que era, mas com um futuro que haveria de ter pelo menos o tamanho da nossa esperança.. ." ⁽⁷²⁾.

Racionalizará melhor, quase dois anos depois, o seu sentimento: "por escrúpulo de objectividade e um sentido quase obsessivo de relativismo, sou, nisso a que damos o nome de patriotismo, um moderado, não entra nos meus hábitos correr a foguetes por mais que as diversas pirotecnias de vocação nacionalista se me esmerem em efeitos [...]"⁽⁷³⁾. Ao discurso racional sobrevém um outro, no dia imediato. Aclara-se a "profunda alegria para os portugueses" que foi escutar a arte de Maria

^m*Idem, ibidem, II, p. 20. Sublinhado nosso.*

^m*Idem, ibidem, III, p. 53.*

TM*Idem, ibidem, IV, p. 19.*

^{lv}*Idem, ibidem, IV, pp. 95-95.*

⁽⁷²⁾*Idem, ibidem, I, p. 175.*

⁽⁷³⁾*Idem, ibidem, V, p. 182.*

João Pires na *Alte Oper* de Frankfurt: "é este patriotismo que eu quero, este sentimento de partilha do trabalho e dos éxitos dos nossos, e também das suas penas e dos seus desgostos, que nem tudo na vida são taças festivas de vinho e braçados de rosas"⁽⁷⁴⁾. Pois não, falta-lhe à frase o pão que o diabo amassou.

É inequívoca, fixa-se nas páginas, a atracção pela "pressão espanhola", a do apiauso quase generalizado, sobretudo nas universidades e academias, invectivando o habitante ilhéu, convidando-o para simpósios na "Península" (para os canarinos *Península é Espanha*, reservando o nome próprio a Portugal), entre júris literários e universitários, premiando-o, num clima empático e de grande mediatismo. 1994 será o pico (antes do Nobel) dessa conjuntura de admiração, de atracção e, por que não dizê-lo, de sedução. Mas quando melhor se manifestam os sintomas da grande nostalgia do "nosso" - ibérico incluído - mais se afirma e afina a universal medida da escrita de Saramago. No espaço e no tempo. O declinar não lhe traz declínio. *As Pequenas memórias* (2006), mesmo alojando a anamnese e comoções já escritas e usufruindo portanto do prévio trabalho de oficina, constituem peça única: uma pequena obra-prima. E (quase) final.

A Musa sem Férias

A Musa, caso inverso daquela de Guerra Junqueiro⁽⁷⁵⁾, não teve direito a férias. Saramago *habitou*, viveu, a sua utopia -*jangada* no termo próprio⁽⁷⁶⁾ - de modo eufórico: a mulher, o *honor* literário, a *ilha*, na sua dimensão simbólica e prática, o impressionante método de trabalho ("paciente como um beneditino" aplica a um amigo o que melhor se aplica a ele⁽⁷⁷⁾), o isolamento reflexivo. Por vezes, o escritor corre numa

⁽⁷⁴⁾ Mera, *ibidem*, v, p. 183.

⁽⁷⁵⁾ *A musa foi-se-me embora; / Para onde foi não me lembro; I Só a torno a ver agora / Lá para os fins de Setembro // Anda talvez nas florestas / Fazendo orgias pagans, / Entre os aromas das giestas I Eos braços dos Egypans* - G. Junqueiro, "Carta", *A Musa em férias* p^a 1913], p. 85.

⁽⁷⁶⁾ Cf. "muita utopia bem intencionada, muita *jangada*" - *Cadernos de Lanza-rote II*, p. 181.

TM *Ibidem*, p. 175.

praia de Lanzarote ou escala pequena montanha, como um adolescente apaixonado, dissimulando mentalmente os setenta e tal anos de vida.

Não é acaso: Pilar e a *Jangada* aparecem na cabeça e no corpo do romancista pela mesma altura, em 1986 (quando a Península se fende da Europa). Uma *inspira* ("algo que aparece subitamente"⁽⁷⁸⁾ 79 *) outra: talvez primeiro o estilo a seduzir a musa; depois a musa (tradutora, revisora, consultora, repórter, secretária, escritora) a incutir a escrita e a inspirar a música. A paixão fulmina a ficção; finalmente, é possível a junção entre os dois seres, cuja diversidade biográfica e situação perante a vida (e a morte), acentua a diacronia relativa no instante em que se cruzam, como se, afirmam-no publicamente, houvessem esperado num lento universo de solidão (ele o confessa - esperou 64 anos para amar). E Pilar será o autêntico Nobel antes (e depois) do Nobel. Como Portugal e Espanha, uma união possível. Mas qual dos dois será Saramago? E Pilar? Ou apenas o entendimento.

A paixão segundo Saramago terá acentuado (senão libertou) a *instilação* duma consciência ibérica. Teresiana durante oito anos, a jornalista suscita, induz, a grande temática religiosa que Saramago tratou como nenhum outro escritor ibérico do século XX. Já o *Memorial* fora longo solilóquio sobre um Deus ausente; mas após conhecer Pilar, grande parte dos textos constituem um diálogo do qual temos provas de impressão e alusões directas à interlocutora. E, noutro plano, o antigo *nostos*, não ocorre. A impossibilidade de ter saudades da casa (onde se está) atenua ou contraria as saudades do terrunho onde a outra casa ficou (na Rua dos Ferreiros, à Estrela, em Lisboa; a casa pobre da Azinhaga e os campos da infância onde via o lagarto verde) - a casa dos livros e da vida passada, a dos amigos e das políticas cumplicidades, a das memórias. Agora é "Pilar, a minha casa"⁽⁷⁹⁾ e nas torna-viagens, a ilha causa-lhe a "impressão, intensíssima, de estar a voltar a casa."⁽⁸⁰⁾

Tudo é passado: antes de Saramago ter regressado a Ítaca (que previamente desconhecia) tem de conhecer Ítaca, para renascer. "O das mil viagens", Ulisses de Sousa, o de Olissipo, reencontra Penélope em Lanzarote, na pessoa de Pilar. E até os cães lá estão, mas é ele quem vai tecendo, paciente, o diurno manto (escrito). As mitologias associam-se,

⁽⁷⁸⁾Entrevista a C. Reis *apud* Ana Paula Armaut, *José Saramago*, pp. 124-25.

⁽⁷⁹⁾ J. Saramago, *As Intermitências da Morte*, dedicatória, (7).

^m*Idem*, *Cadernos de Lanzarote I*, p. 159.

num emaranhado. O lugar é o escolhido, no meio do Atlântico, mais acercado a África, entre Europa e América Latina, no transibérico mapa por si desenhado. O tempo, sem a unidade aristotélica da récita trágica, é o seu. E a ação. Porém, ao contrário do omissivo na fonte (pouco se sabe da morte do Grego, pois o que resta do *Ulisses Ferido* de Sófocles é fragmentário), o herói morre, *sem greve*, como afiançara nas *Intermitências da morte*. Cinzas repartidas esvoaçam por aí. Em 26 de Julho de 2010 os jornais noticiam que Penélope, viúva, na pessoa de Pilar, se fixará em Lisboa, pelo que irá requerer a nacionalidade portuguesa. Volta à anterior terra adoptiva (ou será adoptiva?) do homem com quem duas vezes casou. Desfaz o nó simbólico do iberismo, o medo "desnacionalizado". Arruína o temor (sobretudo dos que o cobriram de incompreensão ou nem o leram) que fosse desnacionalizada a memória escrita dum mestre contemporâneo da língua portuguesa, livre de travessões e vírgulas, imposições de burocratas ao serviço da Ordem (gramatical ou da pontuação). As línguas, com o perdão dos lexicólogos (sempre instigados a comparecerem)⁽⁸¹⁾, são "universos alfabéticos" em expansão⁽⁸²⁾.

Que não morra na cabeça dos leitores futuros, sentencia-lhe um leitor no seu presente⁽⁸³⁾, leitores cuja contingente identidade (cor, nacionalidade, expressão, etc.) é irrelevante: Saramago, continuando a escrever português, deixara de escrever só para portugueses. Com a petição de naturalidade de Maria del Pilar del Rio Sánchez, uma pedra, talvez a que falta para aclarar a arqueologia saramaguiana da Ibéria, desenterra-se e refaz a jangada. Chegámos à última estratigrafia. Sabendo-nos adestrados em mútua suspeição e ressentimento, "sistema organizado de malquerencias y desconfianzas, cúantas veces paralizador", o ex-mecânico de automóveis afirmara "interesarme muy de cerca por la cultura española, en especial la literatura y la pintura"⁽⁸⁴⁾. Por que não haverá Pilar de gostar de Lisboa, da velha arquitectura urbana, inimitável (não fosse demolida e mal imitada), ou do cheiro remoto e do rente sabor das sardinhas, por que não haverá de estimar Fernando Pessoa e Reis (que os apresentou) e de estimar José Saramago e do que escreveu e de quem ele foi, do que representa ou representará?

⁽⁸¹⁾ V. g., *idem*, *As Intermitências da Morte*, pp. 118-19.

^m*Idem*, *Cadernos de Lanzarote IV*, p. 36.

⁽⁸³⁾*Idem*, *ibidem*, V, p. 167.

^m*Idem*, "Mi iberismo", in C. A. Molina, *ob. cit.*

Os "Lusíadas coitados" da *Lusitânia no Bairro Latino*, os que marcharam a salto ou com visto ou sem ele por ser já União Europeia, para lá trabalhar, seis, sete, dez décadas após António Nobre morrer⁽⁸⁵⁾, e os que ficaram à espera de remessas ou com algum emprego, a prazo, os instalados cá, indiferenciadamente agora a si mesmos se chamam *tugas*. Ficarão animados os *tugas* com o fraterno gesto da nova concidadã? Ou serão sensíveis às "notícias", as atreitas a espiarem os passos em volta, que insinuam a disputa estadual, fiscal, portuguesa e espanhola, para tributar os bens cuja riqueza mais funda é feita de palavras? Não é a *virtu* intelectual que se tributa; nem sequer o arcaico *pro patria mori* que se taxa. Nem é uma política de memória; mas a política em si, para memória futura: o IRS.

A questão suspensa - uma ilha sem Deus?

"Mesmo estando como estou fora da Igreja, não estou fora da cultura que se desenvolveu dentro desta Igreja"⁽⁸⁶⁾, gostava de esclarecer o *ateu* José Saramago "no que respeita à mentalidade, sou um cristão"⁽⁸⁷⁾. Mas o seu ateísmo será contestado: em carta muito curiosa, que o escritor publica e aplaude, um anónimo "sacerdote de Portugal", indaga se O *Evangelho segundo Jesus Cristo* poderia representar "quem sabe se um SOS (da própria dimensão subconsciente do autor que se nega a viver sem Deus, mas que não o consegue encontrar...) para a Igreja despertar à novidade e originalidade do pensamento que não ofende, mas pretende um pouco mais de respeitosa liberdade"⁽⁸⁸⁾. Na "novidade e originalidade", quase se indicia um velho Mestre, ou um seu discípulo. Mas na última fase da obra do Accionista, obcecado pelo fenómeno religioso - de *Blimunda a Cairn* e a *In nomine Dei* - ou, diga-se melhor, obcecado pela antropologia do religioso (em particular, do catolicismo) e mesmo da ausência (*As Intermittências da Morte*, *As Pequenas Memórias*), entrevêm-se as ruínas da anterior metafísica. Mário Soares, afável "provocador", pergunta-lhe se sempre é verdade que é agora "um

⁽⁸⁵⁾ Cf. *idem*, *Cadernos de Lanzarote V*, pp. 146-49.

⁽⁸⁶⁾ In F. Assis Pacheco, *art. cit.*, p. 83.

⁽⁸⁷⁾ J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote III*, p. 81.

^m*Idem*, *ibidem*, I, pp. 109-10.

místico" mas o escritor convence-se, depois de o desmentir ("Deus me livre de um tal acidente"), que o patriarca republicano lhe tencionara mesmo perguntar, "Você também está místico?"⁽⁸⁹⁾. Questão mais susceptível para quem tinha, no escritório, a fotografia de uma tabuleta, *Dieu te cherche*. E para o ateu que acompanha Pilar a Fátima, na revisitação afectiva dos tempos professos.

Noutro plano, se o pino metafísico (método crítico) do marxismo porventura nele não ruína (estrutura toda a sua escrita), não se pode deixar de pensar, enquanto sintaxe analítica e sistémica, que abatera pela base: convertera-se numa fé simples, não na dogmática eficácia marginal da produção, na dialéctica entre "super" e "infraestruturas", mas numa fé nas possibilidades pedagógicas e paidêuticas do ser humano, o único animal que *se forma* (e se reforma). Insistirá em querer filosofar o tema formativo, partindo, como declara amiúde, de "estreitas" bases filosóficas.

Imodéstia. Nos anos de 1970, traduções e artigos (*Diário de Lisboa, Jornal do Fundão*) afeiçoam-lhe temas, adestram compassos. A tensa tradução de *História da Estética* de R. Bayer é excelente e educa-lhe a mão, como raros mestres-escola o permitem fazer; seguindo a velha prescrição herculaniana dos *caldos de Vieira* (fundamente estão lá - no *Memorial*, no *Manual de Pintura e Caligrafia* ou nos *Cadernos*), adubou-os com temas filosóficos em crescente pretexto teológico. O autor crê que só o saber secularizado, o de uma humanidade possível, possa reger o mundo. Pessoa triunfara: a sabedoria - parida de ruínas metafísicas (mesmo de absurdas metafísicas da Ciência)⁽⁹⁰⁾ ⁹¹ - só governa o mundo se for a vida fantasia, disseram-no Shakespeare ou Calderón. Como na segunda vida Saramago escreveu, cumprindo a vida, a fantasia, o bem-aventurado. O preço, na longa *meditação sobre o erro*⁽⁹¹⁾ é o sucessivo adiar d'O *Livro das Tentações*, tomo erótico-teológico vertido em pequenas memórias. O grande livro que não ousou escrever, dissipado, desde o *Memorial* em marcas pontuais da tese que o agita: "a santidade, essa manifestação 'teratológica' do espírito humano capaz de subverter a nossa permanente e pelos vistos indestrutível animalidade, perturba

^m*Idem, ibidem, V, pp. 181-82.*

⁽⁹⁰⁾Cf. Peter Sloterdijk, *Eurotaísmo*, pp. 149-51.

⁽⁹¹⁾Cf. J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote II* p. 186.

a natureza, confunde-a, desorienta-a"⁽⁹²⁾. Fica a questão suspensa aqui. Exigirá a mais árdua exegese saramaguiana dessa dialogia, por vezes íngreme, que quis manter com as teologias negativas - "Deus é o silêncio do Universo e o homem o grito que dá sentido a esse silêncio"⁽⁹³⁾. Interrogará, durante um quarto de século, se na *morte de Deus* não se instila dum outro modo uma qualquer *morte do Homem*. *Ignoramibus* - "quando o último homem morrer Deus não ressuscitará"⁽⁹⁴⁾. Apenas lhe responderam, em regra, os que mal sabiam do que estava a falar. Ou do que estava a escriturar.

Contra marés da "instância narrativa", navegador à vista

Na diarística, por mais se acentuar o arquivo da escrita de si próprio (Foucault) à medida que, na novelística, se vão dissolvendo os contornos ficcionais das personagens (processo intencional no *Ensaio sobre a cegueira*, no *Ensaio sobre a Eucidez e, a contrario*, em *Todos os Nomes*) - ressurgem, por detrás da instância narrativa, cada vez mais o contorno do modo escriturário, e de quem o usa, tentada dissolução diegética que o autor, um narrador de si próprio, ou um navegador de si próprio, *autorizava*. Assim, podia José Saramago partir de um ponto qualquer da realidade para a reconstruir não como narrativa homogénea mas como fragmento perceptível, na qual "o objecto mais trivial pode assumir uma importância inesperada"⁽⁹⁵⁾.

O relativismo, mediado por um racionalismo forte e oficiado por imaginação eficaz e uma escrita processualmente inventiva, não o deixaria cair, quando à beira do precipício se debruçou na *Jangada de Pedra*, na onírica descrição sobre as possibilidades de um mundo, não o liebzniano melhor dos possíveis⁽⁹⁶⁾ - que pode ser ibérico, anglo-saxónico, qualquer, nas suas expressões linguísticas e representações culturais - estreito nas capacidades auto-regeneradoras e bem frustrado nos modos de realizar o justo e o bom. Essa a razão - refutando os que o apodavam

^m*Idem*, *As Pequenas Memórias*, p. 36.

^m*Idem*, *Cadernos de Lanzarote II*, p. 56.

^m*Idem*, *ibidem*.

⁽⁹⁵⁾ L. Sousa Rebelo, "A Jangada de Pedra ou os possíveis da História", p. 348.

⁽⁹⁶⁾ Cf. J. Saramago, *Cadernos de Lanzarote III*, p. 12.

de pessimista - que encontra para o apelo criativo: "Precisamos de uma outra maneira de olhar as imagens que nos mostram a realidade, já que com a realidade, ela própria, não ousamos enfrentarmo-nos"⁽⁹⁷⁾. Glosava as fotografias de Sebastião Salgado sobre os dramas dos *Sem Terra* brasileiros. Também a si se glosava, desde o momento em que decidira, perto dos cinquenta anos, a refazer o itinerário, indo pela *transibéria* e o *direito à ibericidade*, afinal, preciosos aliados no reconhecimento mundial. O marco milário - a obra resistente, mil passos corridos - deixara-o um escritor outro. O mecânico de automóveis que não sabia conduzir, tal como Pessoa (ao contrário de Álvaro de Campos), e o camponês pobre das ricas lezírias aprendera a ser sábio. Sucedeu que numa escola pública o pequeno José encontrou um banco e um livro e concentrou-se nas "ciências ortográficas" - "e foi aqui, agora que o penso, que a história da minha vida começou"⁽⁹⁸⁾.

Bibliografia

- ALFAYA, Javier, "O compromisso moral e político na obra de José Saramago ou um leitor espanhol perante Saramago", *Vértice*, III série, n.º 52, Jan.-Fev. 1993, pp. 23-27.
- ALVAREZ, Eloísa, "Iberismo, hispanismo e hispanofilia em Portugal en la última década", *Revista de Historia das Ideias*, Coimbra, vol. 18, 1996, pp. 373-386.
- ARCHER, Paulo, *Sentido(s) da Utopia*, Tomar, O Contador de Flistórias, col. Húmus, 2002.
- ARCHER, Paulo, "Historiosofia & Mitologia. A Ibéria na obra de Agostinho da Silva", *Iberografias*, vol. III, Guarda, CEI, 2007, pp. 7-31.
- ARIAS, Juan, *José Saramago: El amor posible*, Barcelona, Planeta, 1998.
- ARNAUT, Ana Paula, *José Saramago*, Lisboa, Edições 70, Cânone, 2008.
- ASSIS PACHECO, Fernando, "A Ilha de Saramago", *Visão*, n.º 1, 25-III-1993, pp. 81-83.
- AUGÉ, Marc, *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, s.l., 90º, 2006.

⁽⁹⁷⁾ *Idem, ibidem*, V, p. 90.

^m *Idem, As Pequenas Memórias*, p. 102.

- BRITO, Carlos, *Álvaro Cunhal. Sete fôlegos do combatente. Memórias*, Lisboa, Ed. Nelson de Matos, 2010 ³\
- CAMPOS MATOS, Sérgio, "Conceitos de Iberismo em Portugal", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 28, 2007, pp. 169-193.
- CATROGA, Fernando, "Nacionalismo e ecumenismo. A questão ibérica na segunda metade do século XIX", *Cultura, História e Filosofia*, Lisboa, vol. IV, 1985, pp. 419-463.
- CORRÊA SILVA, Marisa, "José Saramago: o iberismo como utopia", *Acta Sientiarum*, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, vol. 24, n.º 1, 2002, 67-70. Web: Impresso a 28-VII-2010, [http // / periodicos.uem-br/ ojs/index-php/ ActaScieHumanSocSci/ article/ viewfile/ 2406/1692](http://periodicos.uem-br/ojs/index-php/ActaScieHumanSocSci/article/viewfile/2406/1692).
- FOUCAULT, Michel, *O que é um autor?*, Lisboa, Vega⁶³, 2002.3.
- MOLINA, Cesar Antonio, *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal, 1990.
- OLIVEIRA MARTINS, J. P., *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, Bertrand³³, 1885.
- PEDROSA, Inés, "José Saramago: 'A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa'", entrevista a JS in *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 10-XI-1986, pp. 24-26.
- RIBEIRO, Raphael, *O iberismo dos monárquicos*, Lisboa, Imprensa de Portugal-Brasil, 1930
- SARAMAGO, José, *A Jangada de Pedra* (1986), s.l., Círculo de Leitores, 1999.
- SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote, Diario - I*, Lisboa, Editorial Caminho, 1994.
- SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote, Diario - II*, Lisboa, Editorial Caminho, 1995.
- SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote, Diario - III*, Lisboa, Editorial Caminho, 1996.
- SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote, Diario - IV*, Lisboa, Editorial Caminho³³, 1998.
- SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote, Diario - V*, Lisboa, Editorial Caminho⁴³, 1999.
- SARAMAGO, José, *As Intermittências da Morte*, Lisboa, Editorial Caminho, 2005.
- SARAMAGO, José, *As pequenas memórias*, Lisboa, Editorial Caminho, 2006.

- SARAMAGO, José, "Mi iberismo", in C. A. Molina, *ob. cit.*; cf. também, 31-VIII-2010, <http://hispanismo.org/politica-y-sociedad/2179-jose-saramago-mi-iberismo.html>.
- SLOTERDIJK, Peter - *Eurotaoísmo*, Madrid, Seix Barrai, Ensayo, 2001.
- SOUSA REBELO, Luís de, "A Jangada de Pedra ou os possíveis da História", in J. Saramago, *A Jangada de Pedra*, ed. cit., pp. 345-362.
- TORGA, Miguel, *Diario XV*, Coimbra, ed. do Autor, 1990.
- VENÂNCIO, Fernando, "Retrato Precário. Os Cadernos de Lanzarote de José Saramago", *Colóquio/Estras*, n.º 151-152 (especial: *José Saramago: o ano de 1998*), Jan.-Jun. 1999, pp. 483-499.
- VENÂNCIO, Fernando, "Saramago, o Ibérico", *Expresso/Revista*, 1-IV-2006, pp. 16-17.